



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Ciências Médicas “Zeferino Vaz”
Departamento de Medicina Preventiva e Social

Gabriela Pimentel Barreto

Pensar Singular, Agir Coletivo:

**Discutindo a reabilitação psicossocial a partir de uma experiência de aprimoramento
profissional em Saúde Mental**

Campinas
2012

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Ciências Médicas “Zeferino Vaz”
Departamento de Medicina Preventiva e Social

Gabriela Pimentel Barreto

Pensar Singular, Agir Coletivo:

**Discutindo a reabilitação psicossocial a partir de uma experiência de aprimoramento
profissional em Saúde Mental**

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao
Programa de Aprimoramento Profissional em Saúde Mental,
sob orientação do prof^o Ms. e Doutorando Alberto
Giovanello Diaz e da prof.^a Dra. Rosana T. Onocko
Campos.

Campinas
2012

“É o artista que é verídico, e a foto que é mentirosa,
pois, na realidade, o tempo não pára.”

(Rodin)

Dedico este trabalho a todos que lutam contra
qualquer forma de manicômio entre nós, de
forma muito especial aqueles que sofreram ou
ainda sofrem nos próprios corpos sob a
perversidade da Razão.

Um Início

Aprender é, então, operar sobre determinadas práticas de modos diferentes dos que se estava acostumado. É inventar outras práticas, fazer novas dobras no mundo.
(Regina Benevides)

Desde o início do Aprimoramento, nas apresentações dos trabalhos de conclusão dos aprimorandos de 2010, compreendi que o itinerário seria fundamental para o meu próprio TCC e mesmo que tenha tido muita dificuldade em produzir os textos de itinerário ao longo do ano, continuo disposta a basear este trabalho nas minhas experiências no CAPS III Novo Tempo.

Durante uma supervisão, quando ainda conversávamos sobre a escolha dos campos de atuação, falei sobre meu interesse nos CAPS em detrimento dos Centros de Saúde e fui surpreendida pela pergunta da supervisora: “quem quer ir para um CAPS porque quer ficar perto de doido?” Essa questão, como outras que ainda surgiram e incomodaram nas supervisões, foi muito importante para me fazer refletir continuamente.

Entendo que essa foi e é uma opção *ético-estético-política*. Aqui tomo emprestada a concepção de Suely Rolnik (1993): *ética* por não se balizar em verdades apriorísticas, numa moral, tendo como horizonte as formas mais potentes de vida, a afirmação do devir que se faz a partir da diferença; *estética* por entender que minha atuação é também um desenho no tempo e espaço, atravessada por marcas registradas no corpo e *política* por se tratar de uma resistência contra as forças que obstruem a nascente do devir, uma luta por modos de produção de subjetividade mais diversos. Sim, quero estar perto da loucura e por ela trabalhar, olhando para o que nela faz sofrer e buscando coletivamente formas de viver mais potentes.

A escolha do CAPS Novo Tempo, especificamente, se deu por uma identificação com funcionamento do serviço que só depois compreendi. No período das escolhas eu tentei racionalizar bastante os critérios e impressões, o que de nada

adiantou. Acabei me definindo pelo Novo Tempo por dois eventos que não entraram na tabela: na primeira visita me chamou a atenção de todos os funcionários que observei usavam tênis – o que me deixou uma boa impressão de atividade da equipe – e na segunda visita quando fui me despedir das pessoas que nos receberam cometi um ato falho dizendo “Até semana que vem!” Hoje acredito que reconheci a (des) organização daquele CAPS e aceitei também a minha.

No início de minha inserção meu movimento foi de esperar para reconhecer as demandas do serviço e dos usuários, em parte por observar o “legado” dos dois aprimorandos do ano anterior e ver algumas ações ainda reverberavam e outras minguavam, eu almejava bancar projetos que fizessem sentido ali e continuassem mesmo depois de minha saída. Já na primeira semana em campo coloquei em prática o interesse de me aproximar (e ao CAPS) do Centro de Cultura e Convivência (Cecco) Tear das Artes e logo em seguida fiz as articulações necessárias para levar e acompanhar usuários do CAPS na oficina de música do Cecco.

Nessa espera algumas coisas importantes chegaram, delas destaco um atendimento individual que me foi solicitado pelo próprio usuário quando disse “Eu gostei de você. Se der sorte você vai ser minha psicóloga!” (sic); a oficina “Bem Bolado” de escrita e leitura que acompanhei nas primeiras semanas junto com uma psicóloga do CAPS e que assumi em seguida junto com uma terapeuta ocupacional recém chegada na equipe; e a própria oficina de música, que reconheci ter, para o CAPS, um sentido diferente do que o que eu havia imaginado no início.

Num primeiro momento acreditei que o objetivo principal desse tentativa de aproximação seria apresentar o espaço do Cecco para usuários que estivessem com o quadro mais estabilizado, afim de que criassem vínculo com outro lugar e pessoas que não o CAPS e seus funcionários e usuários, e que aprendessem a chegar lá de forma independente.

Esses objetivos não deixaram de ser válidos, mas rapidamente fui surpreendida por meu erro de julgamento, pois o que na verdade se mostrou de suma importância é que todos no CAPS viriam a se beneficiar dessa possibilidade com outro

serviço, os usuários em crise que estavam precisando do leito noturno principalmente! E que para viabilizar essa abertura são necessários alguns cuidados efetivos do serviço, como a ida e vinda com o mesmo transporte que também é (bastante) usado para a medicação assistida no dia que o CAPS dispõe dele em apenas um turno,

Fui levada a compreender então que as articulações feitas na primeira semana teriam que ser repactuadas constantemente (e ainda são!), tanto com os colegas do CAPS quanto do Cecco. As terças-feiras foram mostrando que essas “simples” idas à oficina de música levando usuários, inclusive do leito noturno com risco de fuga, com o transporte do CAPS, mexiam com várias questões institucionais que há muito estavam acomodadas e por isso precisam de esforço contínuo para que se movimentem.

Avalio que essas atividades foram marcantes para o meu próprio reconhecimento como profissional, pois cheguei ao aprimoramento recém formada e ainda havia insegurança em alguns momentos, mas conforme o tempo passava e eu sentia muito prazer no desenvolvimentos dessas ações eu percebi que estava mesmo tendo a “sorte” de ser psicóloga!

Para este trabalho de conclusão me interessa a discussão dos espaços grupais na clínica psicossocial e pensar qual a importância é dada a eles dentro da dinâmica do CAPS Novo Tempo.

A psicóloga que facilitava o Bem Bolado no começo do ano costumava dizer que aquela oficina era “do CAPS, e não dela” (sic) enfatizando que mesmo sendo a única profissional no grupo era preciso que toda a equipe bancasse o espaço, pois naquele momento ela não seria a pessoa mais disponível a atender crises ou outras demandas.

Com sua saída de férias eu me propus a substituí-la, por já ter afinidade com a temática e o funcionamento da oficina, a coordenadora do CAPS ficou um pouco receosa por uma aprimoranda bancar um grupo sozinha. Acredito que ela estava mais preocupada com o fato de que mais ninguém da equipe se mostrou disponível para isso. Uma terapeuta ocupacional que tinha chegado no CAPS poucos dias antes

acabou se oferecendo para acompanhar também, mas acabou não se mantendo, pois a medida que ia assumindo mais responsabilidades no serviço tinha menos tempo para estar presente na oficina.

Ainda durante as férias da psicóloga, soube que ela voltaria apenas para se despedir da equipe e dos usuários, pois estava prestes a se mudar para o exterior. Dada tal notícia tomei para mim a responsabilidade de dar continuidade ao Bem Bolado, que se tornava cada vez mais cada vez mais interessante. Durante esse período, alguns usuários mais assíduos iam me ensinando sobre a oficina, me encantava constatar que o Bem Bolado realmente não era apenas daquela psicóloga, talvez não tivesse tanto cuidado da própria equipe quanto ela gostaria, mas felizmente alguns usuários assumiam essa função.

Alguns meses depois foi aberta seleção para duas vagas de psicólogas e eu, que já me sentia demasiadamente membro da equipe participei, prestei a seleção e coloquei muitas expectativas nesse processo, que acabaram sendo frustradas, pois fiquei na quarta posição dentre os selecionados.

Esse resultado foi muito difícil, mas também fundamental para que eu pudesse entender melhor o meu lugar naquela equipe, que obviamente existia, só que diferenciado. Posso dizer até mesmo que entendi como um lugar privilegiado para observação e construção de crítica construtiva que eu talvez estivesse desperdiçando por ignorar a vantagem de certo distanciamento.

A partir de então começo a atuar com maior preocupação em analisar minhas implicações e em devolver para a equipe algumas questões que vinham se apresentando, como, por exemplo, o lugar das oficinas no CAPS, qual a importância que a equipe vem dando a manutenção e planejamento das mesmas.

Vale ressaltar que nesse ínterim acabei passando na seleção, devido à desistência de uma das selecionadas e abertura de mais uma vaga para psicólogo ou psicóloga. Quando falei de minha contratação para um usuário com quem tenho proximidade pelo Bem Bolado e pela oficina de música e que costuma trocar os fonemas das palavras ele perguntou “Então agora você é uma funcionária *afetiva*?” e

eu respondi “Sim! Sou efetiva e afetiva também!”, pois sinto que agora existem novos afetos em relação ao trabalho e, talvez por isso mesmo, mais vontade de fazer crítica e pensar novas construções.

Um Bem Bolado Singular

O Bem Bolado é uma oficina de escrita e leitura que acontece semanalmente, às sexta-feira no turno da tarde. Esse período no CAPS Novo Tempo se caracteriza por ser mais tranquilo, por ter menor frequência de usuários, com algumas intercorrências pontuais, por ser exatamente antes do final de semana.

O grupo é aberto para qualquer interessado, mas conta com alguns participantes “cativos”. Durante o período de férias da psicóloga e sua posterior saída do CAPS, esses usuários foram fundamentais para a permanência da oficina, pois semanalmente traziam sua experiência para o andamento das atividades, explicando para nós, novas facilitadoras, como funcionava a dinâmica do grupo.

Ao longo do ano foram me surgindo dúvidas sobre como manejar as questões individuais que eram trazidas pelos participantes e que por vezes demandavam especificamente de mim respostas e uma maior atenção. Com o tempo senti maior segurança no fato de que o que no coletivo surgia, ao coletivo caberia, e a minha função era facilitar o processo de devolução a todos os participantes “a parte que os cabia naquele latifúndio”. Nessas dúvidas acredito que encontro apoio nas palavras de Regina Benevides:

Entendamos que, aqui, o coletivo não se refere a um conjunto de pessoas, ou a uma categoria que se reconhece por identificação de traços. O coletivo é aqui tomado como este plano que produz o si e o mundo, que implica os muitos e múltiplos elementos que constituem toda a existência: humana e não humana.

É neste contato com o coletivo que o grupo encontra sua força de diferenciação, sua capacidade de invenção de modos de existir que escapem da padronização globalizante que paira, nas modulações contemporâneas do capitalismo, como que ‘sem escapatória’ para todos nós. (BENEVIDES, 2011)

Para mim, ficou claro com o tempo que a riqueza do Bem Bolado consistia principalmente na temática aberta, que acaba sendo definida a cada sexta-feira pelo grupo participante. Tendo marcado seus objetivos de escrita e leitura, a oficina conta com um grau importante de espontaneidade (inclusive da facilitação) e proporciona a responsabilização dos usuários pela sua manutenção.

Tal condição não deve ser confundida, como talvez tenha sido por mim no início, com possibilidade de autonomia total dos usuários em se responsabilizar (ou não) pela oficina. Sendo eles usuários de serviços de saúde mental para casos graves, conclui-se que estão ali precisando de apoio, que obviamente deve ser garantido pela equipe do CAPS. Digo isso porque durante algum tempo eu fui a única profissional, sendo que ainda apenas aprimoranda, responsável pelo Bem Bolado. Em todo o CAPS pode não ser muito explícito as funções do aprimoramento, mas com certeza está claro para todos o caráter transitório dessa posição, caráter este que acaba “contaminando” qualquer atividade levada por uma aprimoranda.

Acredito que essa situação se deu por alguns fatores complicadores da dinâmica do serviço, como a alta rotatividade no quadro de funcionários, mas que seria uma dificuldade um pouco amenizada se houvesse o costume de que grupos fossem facilitados por pelo menos uma dupla de profissionais, o que, na verdade, ocorre muito raramente no CAPS Novo Tempo.

Creio também que a função dos grupos e oficinas, assim como sua organização dentro do CAPS, precisa ser constantemente discutida pela equipe, para que estejam de acordo com as demandas dos usuários e seus projetos, e até mesmo para compartilhar entre todos os técnicos as possibilidades terapêuticas das atividades disponíveis, fazendo com que assim seja possível construir junto com o usuário Projetos Terapêuticos Singulares interessantes à sua reabilitação psicossocial.

Levando para o Coletivo

Preocupada em compartilhar com a equipe, da qual eu fazia parte cada vez mais (a)efetivamente, fiz questão de trazer para discussão coletiva algumas questões que estava pensando para o desenvolvimento de meu TCC. ;depois de algumas semanas sendo pauta postergada, o espaço da discussão foi garantido para a última supervisão do ano de 2011, as questões colocadas foram:

- Como se constrói um PTS?

- Como se reformula um PTS?

O que muda é o combinado de dispensa da medicação?

- Como se constrói um espaço coletivo?

De onde vem e para onde vai a demanda?

- Como se mantem um espaço coletivo?

Dificuldades: Foco sempre na crise já instalada

Equipe sobrecarregada (papelada, plantões)

Equipe de enfermagem não consegue estar fora da grade

Infraestrutura

Planejamento do quadro semanal de atividades

Falta de parcerias para a facilitação

Objetivos terapêuticos dos grupos

- O que representa e para que podem servir os espaços coletivos na Atenção Psicossocial?

A discussão começou bastante atravessada por defesas de alguns profissionais, alguns calados e outros de fato se opondo aquela discussão naquele momento, quando haveriam outros assuntos mais importantes, referentes a pacientes do leito noturno. Aquelas objeções me incomodaram muito, em parte porque aquela era o último momento em que teria oportunidade de compartilhar com a equipe o desenvolvimento do TCC e eu não gostaria de apresentar um trabalho descolado da dinâmica da equipe ou que viessem para surpreender e em grande parte porque acreditava que aquelas defesas repetiam exatamente a dinâmica da equipe para a qual eu gostaria que fizéssemos crítica naquele momento: a atenção sempre voltada para a crise e esquecida do processo de reabilitação psicossocial.

Felizmente, num momento em que o assunto da discussão foi posto em “cheque” pelo próprio supervisor, que questionou a real vontade da equipe em discutir as questões colocadas, algumas profissionais pontuaram que a dificuldade de falar sobre o assunto não estava na falta de pertinência do mesmo, mas no fato de que as questões suscitavam falhas da equipe em cumprir seu papel fundamental. O próprio conceito de saúde chegou a ser questionado, quando uma profissional perguntou em que passo poderíamos estar nos acomodando com usuários que ficam em casa, tomam a medicação corretamente, não entram em crise, mas passam o dia assistindo televisão sem entender o que ela diz.

Sinto-me gratificada por perceber que a tônica da discussão estava voltada para nossas estratégias de trabalho para a reabilitação, e não simplesmente pela maior oferta de oficinas. Foi citada pela própria equipe uma passagem importante de Benedetto Saraceno:

“Porque um esquizofrênico teria que, além da desgraça de ser esquizofrênico, ter a desgraça de ser ator, tocador de piano, artista plástico... Não necessitamos de esquizofrênicos pintores, necessitamos de esquizofrênicos cidadãos, não necessitamos que façam cinzeiros, necessitamos que exerçam a cidadania.” (SARACENO, 2001, p. 16)

Entendo que a partir dessas falas, que vinham de profissionais bem mais experientes nos serviços, a equipe pode de fato avaliar o processo de trabalho e fazer a crítica de a prioridade do serviço não estavam sendo os espaços coletivos como produtores de autonomia, vínculo, singularidades, enfim, saúde. “Nós estamos trabalhando ao contrário!” Foi a fala vinda de outro profissional que acredito ilustrar bem o momento de reflexão da equipe, quando começamos a entender que a idéia geral que passa pela importância dos grupos e oficinas é a de entretenimento dos usuários. Saraceno ainda traz que:

“Na sua raiz latina, entretenimento, também, significa manter dentro. É aí que está o desafio da reabilitação. Entreter para manter dentro, pode ser manter dentro da hospitalização, dentro da cultura psiquiátrica, que no lugar de produzir saúde reproduz enfermidade. Então, a reabilitação é essa conspiração clara contra o entretenimento para manter dentro, para reproduzir a lógica que nunca termina, manter a lógica da enfermidade, tornando-nos cúmplices deste tipo de entretenimento. Devemos tomar outra direção.” (idem, p. 18)

o que pode caracterizar uma “crise” dos espaços coletivos, visto que estariam perdendo o seu melhor potencial dentro de um serviço de Saúde Mental.

Nessa discussão foram colocados alguns pontos para avaliação constante da equipe, como: a facilitação dos espaços fica mais produtiva quando feita em dupla; o número bem maior de grupos abertos em detrimento dos fechados pode caracterizar a dificuldade de manutenção do grupo; a forma como os grupos são criados precisa ser sempre discutido e consensual na equipe, para garantir que a demanda não parta apenas do profissional e esteja descontextualizada e que para além dos profissionais facilitadores a manutenção de um espaço coletivo precisa da parceria de todos, equipe de plantão, duplas de referência e gestão. Foram pactuados também alguns encaminhamentos práticos: a confecção de uma pasta onde fiquem um relato breve do objetivo e características de cada grupo ou oficina, para facilitar a construção de projetos terapêuticos junto com os usuários e que nas reuniões de

equipe semanais fossem sempre colocado o andamento de algum grupo ou oficina do serviço.

Mesmo com alguma dificuldade esses combinados estão sendo cumpridos. Em breve haverá um dia de planejamento do CAPS e acredito que alguns pontos surgirão na discussão novamente e, assim como aprendi em relação à oficina de música, sei que as articulações para por em prática ações que movimentem a dinâmica acomodada precisam ser feitas incessantemente, ainda me sinto bastante disposta a me responsabilizar por isso e sei que poderei contar com parcerias de (agora) colegas de equipe.

Últimas Considerações

“Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”

(João Guimarães Rosa)

Ao me valer de mais uma citação de Guimarães Rosa não pretendo enfatizar a busca do “real” como uma verdade absoluta, mas como experiências significativas. O que busquei nesse trabalho foi colocar em palavras algumas experiências da minha trajetória no aprimoramento em saúde mental.

Acredito que o interessante para um trabalho é que ele não esgote as possibilidades de onde se insere, mas que aumente e diversifique as bifurcações do caminho. Durante o processo desta produção me deparei com algumas questões que julgo merecedoras de novos olhares e estudos mais profundos. Para manter a concisão e qualidade do trabalho, reconhecendo até onde vão minhas competências para o momento, não me aprofundei nestas questões, mas creio na pertinências de novas tessituras para os temas.

Durante a produção desse trabalho tentei passar do singular ao coletivo no sentido de que a partir de minha experiência, única e pessoal, pudesse aproveitar para construir junto ao CAPS Novo Tempo algumas idéias que fossem interessantes para o desenvolvimento das estratégias de reabilitação psicossocial do serviço.

“Esse caminho que eu mesmo escolhi, é tão fácil seguir, por não ter onde ir”¹. Optei por um texto mais informal e um estilo bastante pessoal, no intuito de ser coerente com minha condição de apaixonada pelo tema. O exercício constante foi de analisar minha implicação no processo enquanto tecia minhas próprias colocações.

Sem muito apego com o rigor acadêmico, mas respeitando ao máximo o que o contexto em que estou inserida me proporcionou, procurei ser fiel ao compromisso ético-estético-político ao qual me referi no início. Daí vem a preocupação com a

¹ “Maluco Beleza” de Raul Seixas

consistência e clareza do conteúdo teórico. Os conceitos e idéias dos autores que trouxe me são muito caros e indispensáveis para a práxis que pretendo produzir, assim como a literatura, a música e outras artes que fizeram parte desta construção.

Bibliografia

BENEVIDES DE BARROS, R. D. **Clínica Grupal**. In: Revista de Psicologia/UFF, n.7, 1996.

_____. (data desconhecida) **Grupos e Coletivos**: o desafio de criar dispositivos clínico-políticos de intervenção.

DIMENSTEIN, Magda. O Desafio da Política de Saúde Mental: a (re)inserção social dos portadores de transtornos mentais. **Mental**, Barbacena, ano IV, n.6, p. 69-83, jun. 2006.

OURY, J. *Itinerários de formação*. Revue Pratique. p. 42-50, 1991.

OURY, J. **O Coletivo**. São Paulo, 2009.

PELBART, Peter Pal. Manicômio Mental: a outra face da clausura. In: **SaúdeLoucura** vol. 2. São Paulo: Hucitec, 1992.

_____. **Da Clausura do Fora ao Fora da Clausura** Loucura e desrazão. São Paulo: Iluminuras, 2009. 240 p.

PITTA, A. **Reabilitação Psicossocial no Brasil**. Editora Hucitec: São Paulo, 2001

ROLNIK, Suely. **Pensamento, Corpo e Devir** Uma perspectiva ético-estético-política no trabalho acadêmico. Disponível em:

<<http://www4.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensamentocorpodevir.pdf>> acesso em 04/10/2010